

INSPIRAÇÃO BÍBLICA: um olhar bíblico, teológico e pastoral sobre 2 Pd 1,19-21.

Biblical Inspiration: a biblical, theological and pastoral view of 2 Pet 1,19-21.

José Ancelmo Santos Dantas¹

RESUMO

A Sagrada Escritura é a alma da Teologia, conforme afirma a Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II, Dei Verbum N 24. Isso significa que a Escritura possui um lugar singular dentro do plano da Revelação Divina. E para tal, faz-se necessário, captar conceitos fundamentais acerca das verdades reveladas e contidas nas Escrituras. Acredita-se que um destes conceitos seja o da Inspiração Bíblica. Todavia, como entendê-los e articulá-los no plano fundamental da Revelação? Qual seu lugar na Pastoral eclesial? E que caminhos poderiam ser abertos na interpretação das Escrituras? Pela Inspiração Bíblica se poderá dialogar mais e melhor com a comunidade crente; e, sobretudo, com as diversas comunidades e grupos indiferentes a fé judaico-cristã. Mediante a polarização do mundo secularizado, urge a necessidade de se encontrar caminhos e saídas, a fim de que, o diálogo aconteça, a mensagem pedagógica e salvífica sejam anunciadas e os textos sejam captados em sua totalidade.

Palavras-chave: Teologia, Bíblia, Pastoral

ABSTRACT

Sacred Scripture is the soul of Theology, as affirmed in the Dogmatic Constitution of the Second Vatican Council, Dei Verbum N. 24. This means that Scripture own a unique place within the plane of Divine Revelation. And for such, it is necessary to grasp fundamental concepts about the truths revealed and contained in the Scriptures. One of these concepts is believed to be Biblical Inspiration. Nevertheless, how do we understand and articulate it on the fundamental plane of Revelation? What is its place in ecclesial ministry? And

¹ Graduado em Teologia pela Faculdade Paulo IV. Pós-graduado em Sagradas Escrituras pelo Centro Universitário Claretiano. Mestrando em Pentateuco pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: ancelmodantas@gmail.com.



what ways could be opened in interpreting the Scriptures? Through the Biblical Inspiration, a more and better dialogue with the believing community will be possible; and above all with the various communities and groups indifferent to the Judeo-Christian faith. Through the polarization of the secularized world, we have to find ways and exits urgently, so that dialogue could take place, the pedagogical and salvific message be announced and the texts be captured in their entirety.

Keywords: Theology, Bible, Pastoral

INTRODUÇÃO

Urge na pastoral eclesial a necessidade de um diálogo vivo, dinâmico e, sobretudo, esclarecedor, entre as comunidades cristãs e os demais grupos e denominações. Para tanto se faz necessário acorrer as Escrituras Sagradas, pois elas contêm em suas narrações e legislações, hinos e poesias com mensagens transformadoras.

Essas mensagens, se entendidas na sua totalidade levarão o leitor a compreender, mais e melhor a dinâmica da fé cristã, bem como, seu processo de revelação iniciado no mundo veterotestamentário e culminado em Jesus de Nazaré.

Entretanto, o bom uso da Bíblia requer o entendimento de conceitos que são fundamentais, pois, debruçar-se sobre tantas obras, supõem de algum modo, um conhecimento prévio das culturas, costumes, hábitos, ideias e mentalidades do povo da época.

Um desses conceitos, diz respeito, à inspiração bíblica. Entendê-lo bem e saber aplicá-lo devidamente, constitui passaporte para um diálogo frutuoso. Certo de que não se caíra na viela do fundamentalismo, tampouco se baseará na estreiteza do pietismo.

Porém, qual a real abrangência da inspiração? Qual seu alcance e influência no pensamento teológico? É possível perceber tais realidades no campo da pastoral? O presente artigo tenta trabalhar tais questionamentos.



A Bíblia precisa encontrar seu lugar no meio do povo, pois, ela dele nascera, e, para ele existe e se destina. Quanto mais ela é entendida e usada pela comunidade, mais ela encontra sua razão de ser. Pois, quando é pregada, celebrada e entendida no rito litúrgico, ela assume a natureza que contém, isto é, de ser: “Palavra de Deus”. Por outro lado, o mistério celebrado encontra na leitura bíblica “a chave de interpretação inspirada, garantida pela tradição eclesial”².

A INSPIRAÇÃO BÍBLICA: À LUZ DA ESCRITURA, DA COMUNIDADE E DA PASTORAL.

Os cristãos, por volta dos três primeiros séculos, viveram em um ambiente hostil e penumbroso. Pois, o império romano era intolerante com relação à fé cristã, que se despontava. Por um lado, rondava nas comunidades inúmeras incertezas (2 Pd 1,5) e múltiplas fábulas (2 Pd 1,16a). Mas, por outro, fazia-se necessário resgatar o testemunho, acerca da pessoa de Jesus, dos seus feitos e obras, conforme atesta (2 Pd 1,16b).

Decerto, as primeiras comunidades precisavam recorrer às bases da fé cristã que naquele momento estava sendo gerada. Por isso, sentiram necessidade de voltar à mensagem dos profetas (2 Pd 1,19a). Haja vista que desde lá, já se esperava a chegada do Messias, bem como sua glória, que se deu por ocasião da Transfiguração (Lc 9,28-36 / Mt 17,1-13). Com isso, os líderes das primeiras comunidades cristãs podiam estar certos de que, os cristãos estavam seguindo o que no passado Jesus quis, propôs e ensinou.

Baseados na Tradição Judaica, eles podiam estar convictos de que as Escrituras “eram como uma luz que brilha em um lugar escuro, até que raie o dia e surja a estrela d’alva em nossos corações” (2 Pd 1,21b). Seguir as Escrituras fez-se necessário, a

² Missal cotidiano, p. 11.



fim de que, os futuros discípulos de Jesus não saíssem do grande curso do rio, que é a Tradição.

Todavia, foi necessário escolher um critério sólido, dinâmico e racional. Trata-se da Inspiração Bíblica. Mas o que isso significa? Qual sua influência hoje, sobretudo, na Pastoral?

Parafraseadamente, a Obra *Sobre a Inspiração Bíblica*³, descreve que é o ato de Deus estar presente e agir positivamente na mente dos escritores sagrados, de tal maneira que escreveram o que Deus queria que fosse escrito. Na teologia da revelação se distingue dois autores: o autor humano e o autor divino. Porém, entre estes, não há uma dicotomia, isto é, o autor humano escreve tudo a seu nível, e Deus inspira tudo no nível Dele. O primeiro na ordem predicamental e o segundo na ordem transcendental.

É fato, que tanto o Concílio Vaticano I quanto o Concílio de Trento afirmaram ser “Deus a causa eficiente da Escritura”⁴. E isso em sentido literário, isto é, seu autor. Certamente que sim, pois Deus é o seu autor. Entretanto, vale ressaltar que o autor humano também possui uma participação singular neste processo. Aliás, para o Pe. Rahner, a relação se dá do seguinte modo: “os autores humanos da Sagrada Escritura não são simples secretários, nem são meros copistas de um ditado divino”⁵. É bastante relevante a participação humana no processo da formatação dos livros bíblicos e, sobretudo, de sua redação. Isso supõe presença de tensões, contradições e, até, possíveis erros; o que não toca, tampouco fere a dignidade do Ser de Deus. Antes, tal processo só demonstra a plena e eficaz participação do homem no mundo das Escrituras, quer nos textos veterotestamentários, quer nos escritos do Novo Testamento.

A nosso ver, não se sustenta a ideia de que “somente algumas partes da Escritura são inspiradas”⁶. Pelo fato de

³ RAHNER, K. *Sobre a Inspiração Bíblica*. Tradução: Belchior Cornélio da Silva. São Paulo: Herder, 1962.

⁴ DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. p.705.

⁵ RAHNER, K. *Sobre a Inspiração Bíblica*. Tradução: Belchior Cornélio da Silva. São Paulo: Herder, 1962. p 17.

⁶ DENZINGER, H. p.704.



encontrarmos erros e até contradições em muitos dos textos, faz-se necessário enfrentar com realismo e esmero tais dificuldades. Do contrário, a fé cristã, perderá sempre mais espaço no mundo global. Este que tem sido convencido mais pela técnica e pela produção moderna. Jamais dará ouvido a uma fé baseada em reflexões pietistas, com tons de fundamentalismos.

Todavia, o fato de se concluir que há uma autoria dupla no processo de criação e formatação dos textos bíblicos, não significa dizer que existe uma concorrência entre o autor divino e o autor humano. Do contrário, cada qual desenvolve seu trabalho, a partir da sua esfera própria. O homem, enquanto autor, tudo fez na ordem predicamental. De igual modo, Deus tudo operou na ordem sobrenatural. E, como resultado desta árdua tarefa, hoje se pode beber dessa fonte perene de sabedoria, que são as próprias Escrituras. A mesma, semelhante a uma grande biblioteca, é capaz de nos oferecer em seus múltiplos compartimentos: narrativas infundáveis, legislações consistentes, textos épicos incomparáveis e uma sabedoria de vida que aproxima homens e mulheres em épocas e culturas diferentes.

De um lado, há alguns que até hoje não aceitaram a inspiração como ferramenta que deve ser levada a sério nos meios científicos. Estes acreditam que a Bíblia foi escrita, só e somente só, pelas “mãos” do Senhor. Aqui se deve ter muita cautela, a fim de não cair no espetáculo do fundamentalismo. Ou seja, trata-se de uma espécie de leitura angelical do texto. Esta, ocorre todas as vezes, que se visitam os textos sem o critério dos “gêneros literários”⁷, por exemplo.

Ou quando não se compreende o sentido exato da dupla autoria. O autor humano não deve ser imaginado como um ser, fora de sua época. Uma espécie de ser, que fora guardado numa ilha paradisíaca e que não conheceu, bem de perto, os problemas de sua época. Do contrário, os autores, também conhecidos por hagiógrafos, escreveram por permissão divina, mas também

⁷ DOCUMENTO SOBRE A BÍBLIA E SUA INTERPRETAÇÃO, 155.



porque sentiam na própria humanidade o peso do momento histórico, social e cultural, pelos quais passavam.

Estudiosos do mundo Bíblico chegam a afirmar que muitos são os resultados de “diversas tradições que se estenderam ao longo de vários séculos”⁸, e por isso, não dá para afirmar que para cada texto há sempre um único autor. Todavia, acredita-se que a inspiração é um fenômeno de caráter escrito, porém, as informações que sustentaram a tradição oral não deveriam ser levadas em conta? E as colaborações dadas a um mesmo e único texto, não podem ser vistas como inspiradas? Tais questionamentos continuam a transitar com veemência na ciência teológica.

Ou quando se cai com muita facilidade no engano do fundamentalismo. O fundamentalismo continua a ser um vírus maléfico, pois em sua genuína raiz, entorpece e empobrece a reflexão teológica, tornando-a sempre mais ingênua e sem créditos no mundo do pensamento. Uma leitura fundamentalista levará o leitor a possuir sobre o texto uma interpretação literalista, isto é, “exclui todo esforço de compreensão que leve em conta seu crescimento histórico e seu desenvolvimento”⁹ e conseqüentemente descarta todo e qualquer método sério que hoje ocupa espaços no campo da reflexão teológica.

De outro lado, há aqueles que aceitam a divina inspiração, mas não afirmam que Deus aboliu todos os limites humanos, embora o texto seja inspirado, os limites humanos permanecem, bem como, as circunstâncias e tudo aquilo que o homem carrega consigo. Inclusive, para a teologia fundamental, essa postura continua a ser a mais prudente. Pois tem um caráter global, totalizante e não exclui a participação do humano na composição dos textos escriturísticos.

Não se sabe, ao certo, até onde vai a questão complexa, sobre a contração das vontades, isto é, a de Deus e a do homem.

⁸ ARENS, E. A Bíblia sem Mitos. P. 243

⁹ ARENS, E. A Bíblia sem Mitos. P. 386.



Esta imagem foi muita discutida no âmbito da teologia e, de algum modo, não está totalmente resolvida. A clássica obra *Sobre a Inspiração Bíblica* nos afirma que “a moção divina, como tal, não atinge imediatamente o íntimo da vontade do autor humano. Move-a, antes, através de um impulso criado conveniente ao concreto círculo de experiências do autor”¹⁰. Uma afirmação complexa e, de algum modo, lacunosa, pois, se partimos do pressuposto que Deus quis a autoria humana, Ele mesmo, não teria razões para estreitar, tampouco delimitar essa participação. Pois, por um lado, Ele, enquanto Criador seria o único autor das Escrituras. Já o homem, seria apenas seu colaborador. Haja vista que a vontade divina estaria, nesse processo, tolerando a presença humana. Isso levaria a leitura e o entendimento dos textos ao caminho do fundamentalismo, ou do literalismo, conforme já foi refletido.

Entender a participação humana no longo processo da escriturística dos livros, de algum modo, corrobora para uma melhor compreensão do Mistério da Revelação. Pois, “Aprove a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério de sua vontade (Ef 1,9), mediante o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso no Espírito Santo ao Pai e se tornam participantes da natureza divina”¹¹.

Pensar a revelação, por um lado, enquanto caminho que Deus escolheu para se manifestar em nosso meio, e, por outro, como o modo propício de percebê-lo, captá-lo, tê-lo e, sobretudo, imitá-lo, em Jesus, seu filho. Revelação como porta que se abre diante daqueles, que em Jesus, desejam participar da vida do Pai. E essa história encontra-se nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento.

Entretanto, o leitor ao pensar um tema como esse, pode se questionar: Deus inspirou apenas as ideias ou o texto em si? Os

¹⁰ RAHNER, K. *Sobre a Inspiração Bíblica*. Tradução: Belchior Cornélio da Silva. São Paulo: Herder, 1962.p 24-25.

¹¹ CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI VERBUM, p. 1.



detalhes textuais são inspirados? Em que momento se dá a inspiração? A inspiração se deu no falar (tradição oral) ou ao escrever (redação dos textos)? Entende-se que Deus inspirou tanto as ideias quanto o texto. A inspiração ocorre por ocasião do texto escrito, porém isso não significa que o processo anterior ao texto não tivesse um caráter inspirado. Certamente se faz necessário captar o conceito de instrumento¹², usado diversas vezes no campo da reflexão teológica.

Falar de inspiração continua a ser motivo de discussões infundáveis, pois esse termo nem sempre é captado da mesma maneira por todos que o estudam. Alguns chegam a pensar numa espécie de magia, como se tudo fosse automaticamente preparado e enviado do céu pelo próprio Deus. Uma boa leitura bíblica requer, em geral, lucidez e humildade da parte de seu leitor.

Pela lucidez, o leitor ao se debruçar sobre os textos, perceberá quão vastos, ricos e profundos são eles. Entenderá pedagogicamente que não dá para explicá-los só, e somente só, de acordo com critérios pessoais, desprovido de um bom método teológico. Aqui se deve fazer memória de tantas pessoas, que no decorrer da tradição milenar da Igreja, sempre colocaram suas vidas a disposição do estudo da Bíblia. Exemplarmente a tradição teve os Padres da Igreja, estes atuaram como verdadeiros tecelões, com um trabalho singular e muita fé, tentaram aproximar os textos daqueles que os ouvia. Entre eles, destacou-se São Jerônimo, que passava horas e horas cuidando para que no trabalho minucioso da tradução, “não fugisse do original, afim de que o sentido literal aparecesse claramente”¹³. Ainda hoje, o mundo cristão conta com grandes homens e mulheres que prestam as comunidades cristãs, o serviço zeloso de guardar o patrimônio dos textos bíblicos.

¹² Instrumento não no sentido passivo frente ao seu único autor, mas no sentido ativo, orgânico e dinâmico. Pois, a autoria divina não apenas permitiu a presença da autoria humana, antes a requis e a exigiu. Tornando-a fundamental. Se entendida desse modo, a autoria humana pode ser chamada de instrumento. Esse conceito foi esclarecido como tal, somente com o advento da carta encíclica *Divinu afflante spiritus* de autoria do Papa Pio XII.

¹³ DOCUMENTO SOBRE A BÍBLIA E SUA INTERPRETAÇÃO, *Divino afflante spiritu*, p.102



E, pela humildade, concluirá que os textos sofreram um longuíssimo processo, desde sua origem, até sua redação final. E isto supõe que há: “Deus / inspiração / textos / leitor”¹⁴. Nesse sentido, tais narrações e legislações sempre terão uma mensagem, para todos quantos, a elas acorrerem. Resgatando sempre mais a máxima de que a “Bíblia contém a Palavra de Deus”¹⁵ viva e atual. E, portanto, ela pode conter uma mensagem nova e atualíssima para todo homem e mulher que a lerem. Pois, embora os textos sejam demasiadamente velhos e reflitam hábitos e concepções antigas, o conteúdo, por detrás dos códices, tende sempre a ser novo, singular, diverso e, sobretudo, pronto para falar a nossos dias.

Desse modo a leitura bíblica ganha em atualidade e, sobretudo, em clareza. Além de estar cumprindo sua finalidade: “(...) útil para instruir, para refutar, para corrigir e para educar na justiça...” (2 Tm 3,16-17a). A Inspiração Bíblica é um dogma e, por isso mesmo, pretende dialogar com o homem e a mulher modernos. E, isso acontece quando, se ocorre ao mundo bíblico, com abertura de coração. A vontade de querer explorar este vasto e profundo território, o ânimo que nos move a querer captar mais e melhor, tudo o que lá está contido, não deve ser reduzido a um mero interesse individual. Pois, “Deus não deu aos homens os Livros santos para satisfazer sua curiosidade”¹⁶, apenas. Senão para que o ser humano pudesse crescer à medida que os lessem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Continua impactante a palavra: “Nenhuma profecia da Escritura resulta de interpretação particular, pois que a profecia jamais veio por vontade humana, mas os homens impelidos pelo Espírito Santo falaram da parte de Deus”.¹⁷ Sem essa consciência

¹⁴ ARENS, E. A Bíblia sem Mitos. p. 238.

¹⁵ DOCUMENTO SOBRE A BÍBLIA E SUA INTERPRETAÇÃO, Dei verbum, p.152

¹⁶ DOCUMENTOS SOBRE A BÍBLIA E SUA INTERPRETAÇÃO, p.120.

¹⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM. p. 2121.



lúcida e formada, acerca dos livros bíblicos, nossa pastoral estaria fadada a um diálogo sem vida e sem razão na comunidade cristã.

Nas Escrituras o que pode ser visto são apenas palavras humanas, entretanto, este foi o meio escolhido por Deus para se manifestar na história, no espaço e no tempo. Haveria outra possibilidade de a história mostrar-nos o processo de manifestação do Sagrado, a não ser usando “o concurso da Palavra”¹⁸? E esta está efetivamente contida nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento.

Porém, depois de entender o processo, o contexto, o costume e a mentalidade da época em que os textos foram escritos, deve-se levar sempre em conta o caráter inspirado do texto. Isso garantirá ao leitor firmeza metodológica e clareza espiritual, acerca das memórias divinas outrora relatadas por nossos antepassados. O que supõe um acertado entendimento do que seja inspiração bíblica. Isto é, homens falaram da parte de Deus e foram por Ele conduzidos, tal qual, uma barca é conduzida por seu marinheiro.

A comunidade crescerá e, juntamente com ela, a reflexão teológica quando a pastoral procurar sua justa medida, que para nós está nas Escrituras. Contudo, entendê-las requer um estudo apurado e articulado sobre conceitos que lhe são fundamentais. A nosso ver, a inspiração bíblica é um deles. Assim se perceberá o porquê a “Bíblia não é a Palavra de Deus, mas a contém”¹⁹.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENS, E. *A Bíblia sem Mitos: uma introdução crítica*. Paulus 2007

DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*.

RAHNER, K. *Sobre a Inspiração Bíblica*. Tradução: Belchior Cornélio da Silva. São Paulo: Herder, 1962.

¹⁸ A PALAVRA INSPIRADA, ALONSO SCHOKEL, P. 30.

¹⁹ DOCUMENTO SOBRE A BÍBLIA E SUA INTERPRETAÇÃO, Dei Verbum p.155



_____ Documentos da Igreja : Documentos sobre a Bíblia e sua Interpretação.
(1893 – 1993). Paulos 2004

_____ Missal cotidiano, p. 11.

